

Dualismo e crítica às contradições sociais presentes no William Wilson de Poe

Os contos são narrativas curtas que abordam um tema central e desenvolvem-se baseadas nele. Dentro de suas características encontramos como definitiva a unidade dramática (conflito), que é por onde ele se inicia, uma sequência cronológica e o foco narrativo normalmente aparece em terceira pessoa de maneira observadora e crítica.

Sua estrutura se dá desta maneira: de acordo com que vai passando o tempo, a tensão dos personagens aumenta, ou seja, quanto maior o tempo, maior a tensão, e no desenrolar da história, o conflito também vai sendo desenvolvido até atingir o clímax (tensão máxima) e desfechar com a resolução desse conflito.

Para Edgar Allan Poe, escritor norte americano, a arte era o antídoto para a realidade, ou seja, era forma pela qual o ser humano tinha de escapar dos problemas da vida real. O efeito da arte no homem deveria ser parecido com o de uma droga: transportá-lo para fora da realidade e também trazer alívio as suas emoções (catarse), por isso ele inventou as chamadas *Short Stories*, pois acreditava que nas histórias curtas o autor possuía total domínio sobre o leitor e o seu objetivo (seja ele qual fosse) seria mais bem atingido, pois o leitor não interromperia a leitura por falta de tempo ou cansaço.

Suas histórias normalmente eram fantásticas, mas racionalmente explicáveis. Na fantasia (absurdos) ele mostrava o horror da sociedade moderna e, com a razão, ele comprovava que o mesmo ser racional que fazia coisas boas era o mesmo ser que agia irracionalmente em determinadas situações, ou seja, razão e emoção andam juntas.

Esta visão era encontrada até na escrita de suas obras, pois ele demonstrava grande coerência e obsessão pela forma (a arte pela arte) e o resultado disso trazia o entorpecimento da alma, que era o seu principal objetivo.

O conto *William Wilson* demonstra essas características claramente, e também, a visão das contradições sociais dentro do indivíduo que Poe tanto criticava. O grande assunto desse conto é a dualidade presente no homem, e Poe associa isso aos problemas da sociedade, ou seja, o homem é dualista porque a sociedade também é e o faz ser assim.

Analisando esse conto, percebe-se essa dualidade já no título, como afirma Julian Nazario em *“A dupla configuração do texto William Wilson de E. A. Poe”*:

Percebe-se no nome deste narrador um anagrama que espelha o relacionamento entre o original e o duplo: o nome *William* encapsula a frase *Will I am*: lida de modo inverso, esta

frase seria uma interrogação sobre o próprio narrador, cujo sobrenome também comunica o fato de ser ele *Will's son*, ou seja, o filho de Wilson.

O narrador em primeira pessoa conta sua história depois de seu óbito. Sua posição é monológica, pois através dos seus olhos, vemos como os ambientes e as situações o influenciam. É considerável citar o início do conto, que demonstra o narrador – e também personagem – mudando seu nome para William Wilson por não considerá-lo digno de ocupar uma folha em branco, cor representativa da pureza, devido à sua vida infame:

Que me seja permitido, no momento, chamar-me William Wilson. A página em branco, que tenho diante de mim, não deve ser manchada com meu verdadeiro nome. Esse nome já tem sido demais objeto de desprezo, de horror e de ódio para minha família.

A trama se desenvolve basicamente em quatro cenários: O internato do Reverendo Doutor Bransby, a Academia de Eton, a Universidade de Oxford e o Baile à fantasia do Duque Di Broglio e, em todos eles, notamos a dualidade da ideia central.

★ No primeiro espaço temos a descrição:

O arrepio refrescante de suas avenidas intensamente sombreadas, respiro a fragrância de seus mil bosquetes e estremeço ainda, com indefinível prazer, à lembrança do som cavo e profundo do sino da igreja quebrando a cada hora, com súbito e soturno estrondo...

Notamos a dualidade presente nas palavras *refrescante, fragrância, estremece, arrepio, sombreadas, cavo, soturno, súbito estrondo*, pois enquanto as primeiras criam uma imagem fortificante, de paz e harmonia pelo seu nível semântico, as últimas transpassam uma ideia negativa, de um perigo oculto. Tanto que, em seguida, o narrador descreve o internato como um forte, uma prisão que lhe impunha limites.

Odete Soares Rangel confirma outra dualidade deste cenário em “*O William Wilson que habita em Allan Poe*”:

Há um paradoxo entre sua veneração pelo diretor da escola e sua decepção ao vê-lo, de forma irascível, executar as leis draconianas (severas) da escola. A expressão “Oh! Gigantesco paradoxo cuja monstruosidade exclui toda a solução.” pode ser uma alusão a destruição da imagem positiva que ele tinha desse mestre.

Na Academia de Eton, quando Wilson encontra-se com o sócia, temos a descrição “Nessa sala, baixa e estreita, não havia nenhuma lâmpada e a única luz que ali entrava era a do alvorecer, muito fraca, que se infiltrava através da janela semicircular”. Essa descrição refere-se a um recinto de dimensões limitadas, um espaço apertado e pouco iluminado que representa o mundo ao qual o narrador pertence.

Em Oxford a grande tensão acontece quando Wilson desmascara o narrador em um jogo desonesto. O ambiente é basicamente transcrito como um lugar reservado, com poucas pessoas, porém viciadas em jogo e embriagadas, ou seja, um ambiente degradado. A dualidade aparece na fala de Wilson um “sussurro baixo, mas distinto” com um discurso bem estruturado e coerente. Enquanto um indica bagunça e desordem o outro indica sobriedade e harmonia.

E no último, o baile à fantasia, temos um cenário carnavalesco de movimento e confusão, típico da festa do povo, que incita perfeitamente o clima misterioso – através das máscaras e do tumulto - e onde se passa o clímax do conto. A dualidade começa com os personagens. O Duque Di Broglio é caracterizado como “velho e caduco” enquanto sua esposa é “jovem, bonita e adúltera” e é acentuada quando as roupas dos Wilsons são praticamente iguais. O Wilson narrador, nessa dualidade, representa o mal, pelo seu caráter; e o Wilson sócia representa o bem, por impedir as várias fraudes que o primeiro tenta cometer.

★ O tempo é outro artifício do conto que nos leva ao desfecho. Acontece, obviamente, de maneira sequencial, tão sequencial que podemos, através da narrativa e dos cenários, dividi-lo em quatro fases da vida: O internato representa a infância, como o próprio narrador conta “Minhas primeiras impressões da vida de estudante...”; a Academia de Eton à adolescência, pois por suas descrições físicas vemos um ser que ainda não atingiu a maturidade; em Oxford temos a maturidade, pelo seu comportamento e suas escolhas e a última, no baile à fantasia, temos sua decadência, pois é onde vemos o narrador no fim de sua decência moral (alcoholizado e amante) até chegarmos a sua morte. Todas essas descrições de tempo nos levam às quatro fases da vida de um ser humano: (1) Nascer (2) Crescer (3) Desenvolver-se (4) Morrer.

De fato, todos esses aspectos nos levam a entender em como encontramos na sociedade o bem e o mal e em como isso transforma o homem em dualista dentro de si. Não havia realmente dois Williams Wilsons, mas sim um William Wilson com sérios conflitos em si devido à sociedade em que vivia. Como diz Julian Nazario em “*A dupla configuração do texto William Wilson de E. A. Poe*”:

Na narrativa encontramos o conflito de dois mundos, o primeiro conservador, abrangendo as classes burguesa e aristocrática, apresenta-se como um universo pretensamente organizado e lúdico, escondendo, por trás das aparências, uma hipocrisia social. Ao passo que no mundo do sócia, a desordem implica um sem cessar de movimento, que se associa a uma sociedade em constante transformação. As tentativas do narrador no sentido de ascender socialmente no seu universo, através de várias maquinações, são perfeitamente válidas segundo os parâmetros sociais de um mundo degradado, onde valem mais as aparências. Considerando os índices levantados no conto, podemos enquadrá-lo em um contexto social burguês, em uma classe em ascensão, presa a um momento histórico em

que os títulos da nobreza, tão necessários para se alcançar um status social são de inestimável valor. A sua ascensão social, para a conquista de um lugar na aristocracia, implica em uma infiltração nessa classe privilegiada e uma violência contra as pessoas a ela pertencentes. Assim, ele não apenas usurpa os direitos da aristocracia, como também abusa de uma classe social à qual não pertence. Por exemplo, quando ludibria Glendenning e, já no fim do conto, quando vai ao encontro “da jovem, da alegre, da bela mulher do velho e caduco (Duque) Di Broglió, depois de ter atingido a sua meta social frequentando uma festa no *palazzo* do próprio Di Broglió.

O Wilson sócia é, realmente, a consciência moral do primeiro, que tentava sempre persuadi-lo a fazer o bem. Em aparência eles poderiam ser extremamente iguais, mas a dificuldade na fala que Poe coloca sobre o sócia indica a voz interna de cada ser humano.

William Wilson sempre tentou fugir dessa voz e impor suas vontades, para obter controle sobre si mesmo e, é dessa maneira que provoca a sua própria morte, pois acaba com sua essência real, aquela que ainda não foi corrompida pela podridão da sociedade.

Aqui podemos fazer nova referência ao título do conto: *Will I am* em forma de questionamento também pode ser traduzido por “Quem eu serei?” ou “Para onde irei?”, que significa justamente esse problema social que vive o personagem. É como se ele se questionasse “Serei um hipócrita que vive de aparência como todos? Irei acabar como todos, podre e corrompido por essa sociedade suja?”.

A grande crítica feita por Poe nesta obra é que as grandes transformações sociais começam pelos próprios homens, e eles precisam ouvir suas vozes internas para conhecerem sua essência e assim, modificar os erros da sociedade, pois quando somos persuadidos pela sociedade, somos também derrotados e morremos e quando seguimos nossa consciência para o bem comum, atingimos a vitória e vida.

Bibliografia

<<http://www.rodrigomedeiros.com.br/doubleyou/downloads/william-wilson-pt-br.pdf>> Acesso em 30 de maio de 2016

<[6410-19677-1-PB.pdf](#)> Acesso em 30 de maio de 2016

<http://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php/Uma_an%C3%A1lise_do_conto_William_Wilson_de_Edgar_Allan_Poe> Acesso em 30 de maio de 2016

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/William_Wilson_\(conto\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/William_Wilson_(conto))> Acesso em 10 de maio de 2016

<<http://odeter.blogspot.com.br/2012/11/allan-poe-o-william-wilson-que-habita.html>> Acesso em 10 de maio de 2016

<<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/As-vozes-em-William-Wilson-uma-an%C3%A1lise-da-polifonia-em-Poe-a-partir-de-um-enfoque-psicanal%C3%ADtico.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2016

<<http://oquevidomundo.com/2014/10/28/resenha-william-wilson-edgar-allan-poe/>> Acesso em 10 de maio de 2016

Ellen Talita Teixeira Berto
4-ALEN

